

O presente número de *Percurso* surpreende a nós (da Comissão Editorial), e provavelmente aos nossos leitores, de várias maneiras. Sem que um tema proposto intencionalmente nos levasse à busca de articulistas para sobre ele escreverem, colocamo-nos numa atitude de receptividade, à espera dos textos que iam chegando. E, nessa posição que evoca muito a própria escuta analítica, permanecemos disponíveis para uma configuração que de início nos causou estranhamento: uma seqüência de artigos que transcediam as fronteiras da Psicanálise e nos falavam de seus limites/limitações.

Quem é esse outro que, assim, nos obriga a enfrentar a diferença que se faz em nós?

Entre os artigos voltados mais para a clínica psicanalítica, deparamo-nos com questões que, em sua problemática originária, romperam o contexto tradicional: o perverso, a criança, a falha do analista.

Já outros articulavam a Psicanálise com manifestações culturais como a música, o teatro, a literatura, a filosofia e a mitologia. A vinculação da Psicanálise com estas outras áreas é aqui sugerida através de diversos prismas. No entanto, podemos entrever uma confluência entre os textos, a revelar o ganho que nós, psicanalistas, podemos obter, se absorvermos esta fertilização oriunda de múltiplas visões distintas das nossas, e que permitem outras possibilidades de conhecimento da alma humana.

A Psicanálise, a peste, deixa-se deste modo empestear. Ela não apenas pensa a cultura: é por esta pensada, e assim transformada. A Psicanálise não

pode se imaginar como visão de mundo que tudo explica. Tem que se haver com as transformações culturais, com a conseqüente alteração da subjetividade, e assim permitir a contínua mudança em si mesma. A cultura surge deste forma com o papel de supervisão indireta para o nosso fazer, iniciando-se a repensar nossa prática, favorecendo uma outra escuta.

Ao acolher artigos e resenhas enviados por colaboradores que também trazem a marca da multiplicidade, em seus diferentes pontos de vista, em sua filiação a entidades diversas, em seus ofícios variados, *Percurso* procura concretizar a dupla significação contida na idéia de "reconhecimento do próximo": aceitá-lo, ser por ele aceito. Reciprocidade entre sujeito e objeto que assinala nossa posição - não negar o estranho, não persistir sempre no familiar.

*

A partir de 1995, *Percurso* passa a ser indexada pelo *Psychoanalytical Abstracts*. É a primeira revista de Psicanálise em língua portuguesa, não-pertencente à IPA, a figurar num índice internacional. Isto significa que leitores de todo o mundo terão os artigos de *Percurso* como referência bibliográfica, ao lado de prestigiosas publicações como *Topique*, *Psychanalyse à l'Université* e outras. Quanto aos leitores de *Percurso*, poderão consultar os *Abstracts* na Biblioteca do Sedes, a partir de meados de 1995.